



Madame DE CHAUVERAN, da Comédie Française, na peça L'EMBUSCADE — (Cliché Félix)

N.º 371 Lisboa, 31 de Março de 1913

Assinatura para Portugal, colónias  
portuguezas e Hespanha:

Ano, 4\$00—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão: Rua de S. Carlos, 111

# = Para que viver?

triste, miserável, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão fácil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YVALD, 35, BOULEVARD D'ANNE NOUVELLE—PARIS.



PARA ENCADERNAR A

## Portugueza"

### "Ilustração

Estão à venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o segundo semestre de 1912, da Ilustração Portuguesa. Desenho novo de optimo efeito.

Preço, 360 réis

Tambem ha, no mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispécio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

RUA DO SEculo, 43

LISBOA



MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL  
PARIS 1900



Um perfume fortissimo de inexcédível aroma num frasco muito elegante de cristal finissimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

riana e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Bergaria-a-Uelha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho, e executa promptamente e commendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel para as mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escreptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 278

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 11

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605 — Porto, 11**

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

RUA DO SEculo, 43

LISBOA



Comprem os Bordados

## Schweizer

que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS Desde frs. 5.80

VESTIDOS Desde frs. 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA

Desde frs. 6.75

do melhor bordado suizo, sobre batista, vello, tulle, orçopon, marquisette, lã e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINOS FRANCO

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confecção mas enviamos os padrões cortados para todos os nossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C.<sup>IE</sup>  
LUCERNE A 22 (Suissa)



Comprem as Sederias

## Schweizer



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, E-lenne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin 120 cm largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e cor, bem como das bluzas e vestidos bordados em batista, lã, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porto no domicilio.

**Schweizer e C<sup>a</sup>, Lucerne E 11 (Suissa)**  
Exportação de sedas — Fornecedores da Corte.

# APROVINCIA PORTUGUEZA ENTRE ESTRELA E GUARDUNHA



Cantiga arrastada, plangente, que mal se casaria com o pintoresco da perspectiva regional, onde a agua do Alcambar alegremente cachôa nos cubêlos das azenhas primitivas, e em cada palmo de serra, por cima dos batureis, vae a onda esfusiante do braço do cavador...

Pois fica tu a cantar, gente da minha Beira, a triste melopeia da Paixão, que eu vou saudar a Primavera, já de volta ás tuas estradas, capelinhas, aos teus campos, á tua velha Guardunha!

Quem um dia se dispuzer a bem entrar no coração d'esta ignorada Terra Portuguesa, ha de enfião fazer a sua vilegiatura por todo o vale do Zezere, entre Estrela e Guardunha, e procurar n'algum ignorado recesso claustral, perdido no escosso fraguado da montanha, a origem d'uma ou outra esbatida tradição ou lenda, que a reminiscencia dos monges arrastou até ás abas da serra. E' escusado consultar o Santuario Mariano. O Passado continúa a viver, na evocação das velhas eras perfumadas de crença e ingenuidade, em cada pedaço de granito que o tempo diariamente rouba ás alpestres moradias religiosas. Os escombros falam. Na sagrada ruinaría do convento da Piedade, a meia encosta da Guardunha,

Ouve-se a voz profética do Tempo sondando a voz da nossa consciencia...

E o Tempo diz assim:

— A' luz da minha eterna prescencia, eu te asseguro, enfim, que ao raso areal das Rinvies sombrias em breve acrescerám d'esta morada as velhas cinzas frias!—  
Responde a Consciencia:— O coração guardal-as-ha eternamente! E quando tudo fugir á sensação visual, has de sentir, intermina vibrando a doce nostalgia do Passado, soando e ressoando, lado a lado, nos alcantis do velho Portugal!

E em cada recanto da Guardunha propaga-se o sonho. Na lendaria Alpendurada do Convento, com a sua feira de colunêlos carcomidos dos musgos e dos temporaes, e sob a aerea espiritualidade dos altos freixos e carvalhos, perpassam, n'um deslumbramento, as remotissimas procissões dos monges, em todo o insondavel misterio das vidas contemplativas... Arvores e colunas inclinam-se á passagem, segregand-

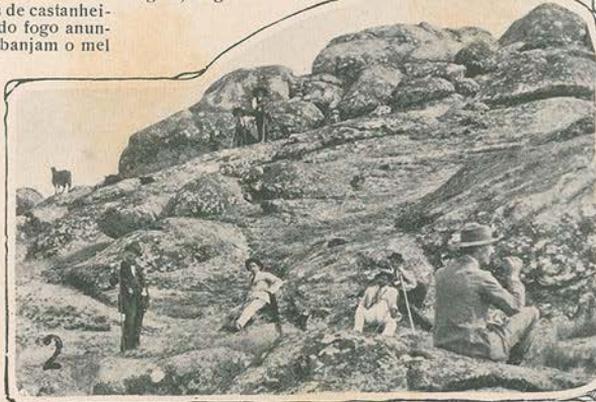
Aí por Senhora das Candelárias, quando os pegueiros começam a florir, e uma ou outra amendoeira, sentinela exótica na flora regional, nos oferece d'entre a frondaria dos olivados o contraste da sua brancura inviolada—tudo, então, principia a remoçar, na explosão de seiva que rebenta nas arvores e nas almas!

Por essas altas serranias, coroadas de castanheiros, passam as ultimas labaredas do fogo anunciador da Primavera. Pintasilgos esbanjam o mel das suas bodas de noivado ao sol das primeiras manhãs creadoras de fevereiro. E sob a prodiga florescencia das macieiras, nas abençoadas terras de cultura, eleva-se a voz do jornaleiro experimentado, olhando ao alto, onde pairam ainda algumas nuvens retardatarias:

—O ceu já vae roto p'ráquela banda! Vem aí sol a ródos, graças a Deus!

E por todos os campos em volta, até aos alcantis da Guardunha, ouve-se a triste melodia da Paixão, uma velha melopeia cheia de recolhimento e presagio...

O' Virgem, largae o passo,  
O' Virgem, largae-o bem...  
Que está Cristo Senhor nosso  
Preso em Jerusalem...



1. Um belo exemplar.—2. Na Guardunha, a 1200 metros d'altitude.

do a emocionante história d'aquela guarda do convento que comungára em pecado mortal...

... Ao fundo da cerca, na ermida onde a Senhora do Miradouro um dia apparecerá sobre um seixo a alguma pastorinha, novamente reboam as primeiras palavras da Saudação Angelica da Avé-Maria, que um mudo de nascença, devoto da Senhora, milagrosamente proferira aos pés do altar... E os monges, por sob o alpendre, na férica irradiação da luz que avança do poente, voltejam exteriormente a derruida muralha da cerca, caminho da igreja do convento, que se levanta ao fundo na contemplação ascetica da montanha...

A indecisão esfingica do crepusculo povoa agora as serranias em volta d'uma vaga tonalidade, d'onde se escôam todas as distantes figuras e misteriosos acontecimentos insculpidos na velha legenda regional...

—O que irá pela Senhora da Penha, e, além, no morro da Argemela?.. Ouvem-se longinquamente badaladas d'um sino: Será em S. Pedro velho? Talvez... Mas quem iria desenterrar o encantado sino-de-ouro?...

E um dia, por Senhora das Candelárias, ar fresco, manhã lavada, sol ao alto, vae a gente saudar a Primavera até ás alturas da montanha. Vem ainda um pouco estremunhada. Os costanheiros sacodem a imperpinencia das ultimas folhas, que a anémia do outono immobilisara n'uma tristeza dourada. Mas a seiva, que borbulha e aflora em cada rebento, anuncia para breve a oriental apoteose de Flora nas lombadas da serra.

Aquí e além, empleiradas em alcantis de acesso, por vezes, quasi insuperavel, as azenhas cantam a afluia triunfal do seu viver retraido á confidente obscuridade da montanha. Já não são as mesmas tintas de misteriosa elegia que agora inundam as quebradas e as cumieiras. Como o ar é transparente e sadio, apercebe-se bem o invencivel aneio de vida nova,

que ressuma dos gomos palpitantes do arvoredo e da espuma, que esfusia em borbotões de neve, debaixo das rodas de cada azenha, a redor das alpodras.

D'uma ou outra eminencia, alongam-se os olhos até aos altos visos da Estrela, a que a diafaneidade do ar agora empresta a ostentação magnifica dos seus caprichosos recortes e arabescos. E ao fundo, em toda a volta, estende-se o vale do Zezere, bordado a esmeralda pelos novos trigaeos que despontam. Lá está a vila com os seus dois ou tres eucaliptos dominando a brancura do casaredo—incorrupiveis guardas de uma povoação, que bebe a sua energia e simplicidade primitivas nas ultimas raizes da serra, não vão as formigas da Alverca despovoar-lhe novamente as suas edificações, como outr'ora, um kilometro a nascente, se tanto... Mesmo ao lado do pequeno comoro onde assenta a capelinha da Senhora da Luz, com o seu carvalho gigantesco e o seu cruzeiro talhado ao buril d'algum ingenho eremitaico... Ermida, cruzeiro e carvalho que ainda assistiram aos ultimos dias do nosso épico, e desde então

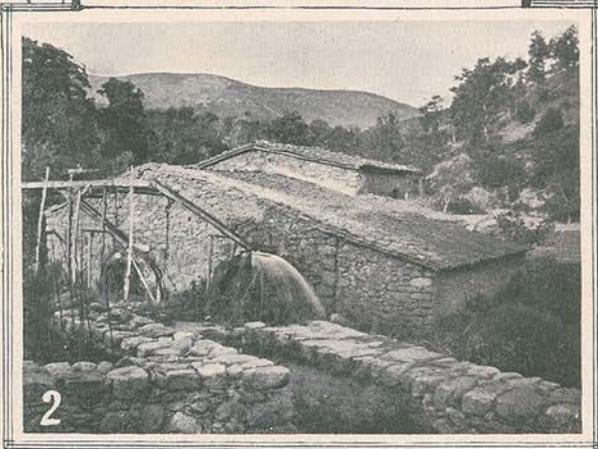
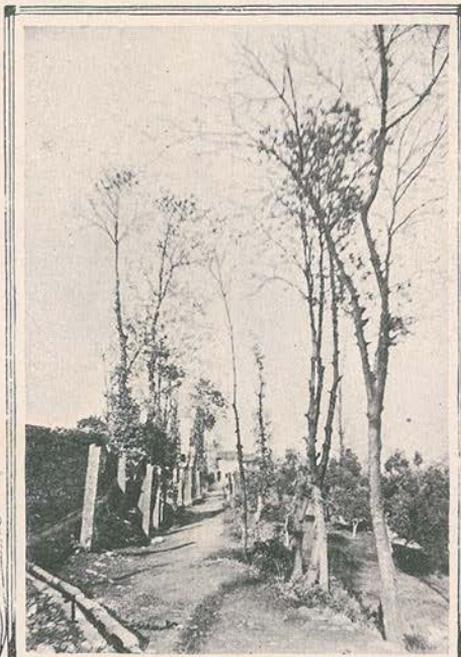
ficaram a exprimir um certo abandono, uma certa tristeza agourenta, que mal se deixa enganar á expansão fugaz e ilusioante d'uma ou outra manhã de Primavera...

Mas como chegaram as andorinhas, e hontem ainda duas ou tres gegonhas nos annunciaram, por seu turno, a vinda da Primavera, pomos de banda o desalento de uma evocação, e ao dia seguinte, pela manhãzinha, resoam as buzinas á porta de cada companheiro de excursão.

Voltamos de novo á Guardunha. Dormem ainda as cotovias pelas giestas e ur-

zaes. O ar da manhã, penetrante como finas agulhas de neve, chama-nos para as alturas do Cavalinho, onde se acendem as fogueiras antes que o sol nasça. Mas até lá, quantas demoras e precalços na ascensão, quasi sempre arriscada, da encosta, que se debruça sobre a vertingem de profundissimos despenhadeiros!

No Cavalinho mal se pára: Avigoram-se os pul-



1. A alpendurada do convento de Santo Antonio da Guarjunha.]

2. Uma azenha na Guardunha

mões ao ar sadio d'uma bela eminença, d'onde se olha, ao norte, por sob as altas neves da Estrela, a arborisação magnífica da Guardunha — e vá de correr para a Senhora da Penha, que o sol não tarda.

Estamos na parte granítica e escalvada da serra. Diante de nós, ergue-se, n'uma prodigiosa acumulação de pedras monstruosas, uma enorme pirâmide, o morro da Senhora da Penha. Por uma velha escadaria, insculpida no proprio granito da lapa, avistamos de toda a sua altura o deslumbramento d'um horizonte, que se estende desde os ultimos pincaros da Estrela até ás esfumadas serranias da Hespanha. Na grandeza da solidão, perpassa apenas o pifaro d'algum pastor conduzindo o rebanho á pastagem.

Descemos a arruinada escadaria. Onde estará a Senhora da Penha e os seus devotos eremitões? Quem se lembrará ainda de que, um dia, acossados os nossos pelos maltrapilhos da revolução franceza, bruscamente anoiteceu na serra por graça da Senhora? Sei lá em quantas almas aquelas nobres ruínas acordarão hoje o rastro d'uma evocação...

Para as bandas de sudoeste, junto ás faldas do monte de S. Gonçalo, espera-nos um velho soute coevo de D. Diniz. Vae um dia de fecunda



1. A capela da Senhora do Miradouro. Ao fundo, a igreja do convento

Primavera. Com o sol no alto, os ribeiritos que se apertam pelas ravinas sulcam a encosta de fitas verdejantes. Aqui e alem, ao meio dos leirões engalanados de jouna, entreavista-se a rustica ingenuidade dos agachis, chamando o passaredo á cilada. Meio dia. O sol vem já um pouco escaldante. Já agora, são mais quinze ou vinte minutos de andança... Agua, pôde beber-se ali na fonte das Tigelas...

E todos se põem em marcha, á voz de comando do chefe da caravana. As búzinas acordam os latidos dos cães, vigilantes na sonolencia de cada bardo, enquanto os pastores saboreiam a sesta no abrigo das velhas secadeiras.

—Aí está o monte de S. Gonçalo! Acampar! grita uma voz.

Era tempo! Verdade seja que a Primavera ainda vae de anuncio... Mas o sol, quando se lembra de aquecer, é que não procura estações! E logo, debaixo d'um castanheiro gigantesco, todos se abrigam na opulencia das suas altas ramadas.

Prepara-se uma ligeira refeição nas abas do monte, ao pé d'uma corrente cristalina. E, passada aquela hora de ardencia, novamente começa a ascensão da encosta fronteira, com rumo ao marco geodesico. De cada penhasco semeado na esterilidade d'esta

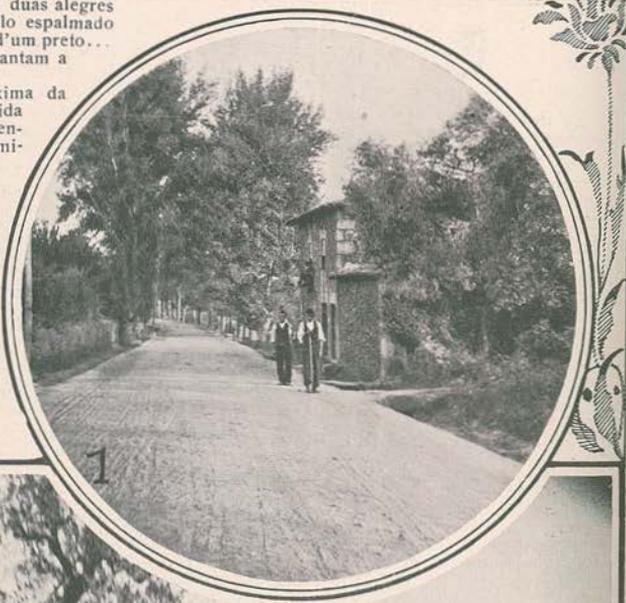


2. Em S. Gonçalo da Guardunha. Sub Teymãe.

ramificação da Guardunha ressaltam estranhas figuras, que a cada passo provocam duas alegres palavras de comentário:—um crocodilo espalmado sobre um enorme monolito, o busto d'um preto... aspéto e impressões que se desencantam a vinte passos de distancia...

Sobre a pirâmide, na altitude maxima da serra, ainda desafiamos a esmorecida cordilheira hespanhola, como quem sente, na remota grandeza dos seus domínios, o entusiasmo invencível dos bons tempos da guerra... Depois, a hora e meia de marcha sobre o nordeste, como a tarde já vae a declinar, atravessamos o pitoresco vale do Alcambar, alimentado pelas nascentes, que saltam em estridentes borboões das raizes centenarias de tres castanheiros. O vale é estreito, mas luxuriante. D'um lado e outro erguem-se a prumo as encostas que o delimitam e lhe emprestam o cachoante bulicio das suas mil poeticas azenhas.

Então, na estrada de Alcongôta, caminho da vila, o sol vae já sumir-



1. Caminho do Fundão: Um lindo trecho d'estrada—2. A capela da Senhora da Luz. (Clichés do distinto fotografo amador sr. Francisco Pinharanda).

se por detraz do convento de Santo Antonio. Na almada que orla um lindo trecho da estrada, um pouco adiante da Azenha Nova, caem as primeiras badaladas da oração da tarde. Avé-Marias... Cavadores que voltam do trabalho para o amavel conforto do lar, descobrem-se religiosamente:

—Nosso Senhor nos dê as boas tardes!

E em toda aquela santa paz, polvilhada de miste-

riosa luz crepuscular, perpassa, á flôr das coisas semi-adormecidas, a voz do poeta:

Tomba da tarde a doce luz maguada...  
Avé-Marias; tudo agora reza...  
Vida dos campos! Minha doce amada,  
Quem me dera que fosses camponeira!

Guardunha, III—1913.

JOSÉ MONTEIRO.

# O novo Rei da Grecia

A morte do rei da Grecia produziu uma extranha sensação no mundo. Jorge I era bom; servira sempre o povo que o acolhera da maneira mais brava e digna como se proclamado rei tivesse radicado na sua alma o amor á Grecia.

O monarca assassinado era todavia um estrangeiro. Quando em 1862, depois da revolta militar de Athenas, o rei Othon I foi para o exilio a bordo do *Sylla*, foi uma questão complicada a da successão áquele trono oscilante. Os principes mais indicados eram belgas ou italianos porque os gregos não queriam alemães, desejavam um soberano rico e que educasse os filhos na religião orthodoxa.

Foram buscado já Dinamarca. Sómente não era rico. Não era alemão e isso era já uma qualidade para os seus subditos. Mas contava apenas 17 anos o rei dos Heleños, assim intitulado porque a Turquia achara que o titulo de rei da Grecia era muito extensivo. O principe Guilherme, aspirante da marinha dinamarqueza, foi aclamado sob o nome de Jorge I.

Foi com um emprestimo da Russia e da Inglaterra sobre a divida helenica que esse rei manteve a sua primeira corte, levando todavia ao seu paiz de adoção um pouco

mais de territorio, as ilhas Jonicas, com que a Gran-Bertenha o presenteara.

Não foi muito feliz, não decorreu sem inquietações pelo menos o reinado d'esse soberano bondoso e simples, que teve sempre as dificuldades de Creta, sofreu os des-

sastes da guerra com osturcos, em 1897, e ainda essa revolta da liga militar, que obrigou o rei a excluir do exercito — onde tão brilhantes figuras deviam fazer agora na guerra — os seus filhos e os seus netos e mesmo o herdeiro do trono.

No momento em que o seu paiz resurgia e as armas gregas eram vitoriosas, o ato de um dementado privou esse rei de gozar a gloria e impulsionar a vida grega no campo do proveito das novas conquistas.

O seu caracter define-se em poucos traços. Era um erudito; era um simples.

Uma vez, em Cannes, onde gostava de passar alguns dias, viu o poeta Jean Moreas, um grego naturalizado

parisiense e tornado um dos grandes poetas da França. O rei foi para ele de mão estendida:

—O sr. Moreas?!

—Eu proprio — volveu o homem illustre, olhando aquele individuo que lhe lembrava



O novo rei Constantino da Grecia, filho do rei Jorge, assassinado em Salonica.  
(Cliché Chusseau Flaviens)

pelo distinto porte um aristocrata e pelo bigode enorme um oficial do exercito.

—Irmão do coronel Papapidemantus... — tornou o rei.

—Conhece meu irmão?!

E o rei singelamente: E' meu ajudante de campo.

D'aí a pouco estavam em frente um do outro, o rei e o poeta, discutindo Homero.

Passeando com seu pae, o velho rei da Dinamarca, no castelo onde a familia real dinamarqueza costumava viver o verão, tão lon-

ho soberano dinamarquez exclamou com a sua bonhomia:

—Eu sou o rei da Dinamarca e este é o rei da Grecia.

Com uma risada, o aldeão disse incredulo:

—Oh! E eu sou o rei de França!

Quando chegaram ao castelo, diante das honras militares ao seu carro de lenha, o carreteiro, tremulo, descobriu-se muito enfiado.

E Jorge da Grecia, batendo-lhe no hombro amigavelmente, acrescentou:

—De que se admira o rei de França?



O falecido rei da Grecia com seu filho Constantino, actual rei, seus netos e o seu cão favorito— (Cliché Archives do Miroir)

go passeio deu com Cristiano IX que se perderam n'uma floresta, d'onde os trouxe, n'uma carroça, um pobre carreteiro que vinha trazer lenha ao palacio.

Pelo caminho o rei Jorge foi-lhe dizendo como era boa a carga que ele conduzia.

Sim... Boa lenha... Boa lenha... Nada menos de dois reis...

O carreteiro soltou uma gargalhada e o ve-

E pagou-lhe a lenha por um preço que o carreteiro desejou toda a vida encontrar mais reis na floresta.

O novo rei, o diadoque que subiu ao trono com o titulo de Constantino XII, foi duque de Sparta, casou com Sofia da Prussia e serviu no exercito até ao momento em que a Liga Militar o obrigou a destituir-se do seu posto.



1



2

1. O Rei Constantino, quando príncipe-real, fazendo a sua entrada solene em Janina, onde estava quando da morte de seu pai. — 2. Venizelos, o grande homem político grego, atual presidente do conselho. — 3. O ilustre centul geral da Grecia em Portugal, sr. J. William Bleck, que recebeu



3



4

sentidas manifestações de condolencia pela morte do soberano do paiz que tão dignamente representa.—4. O parlamento grego onde o rei Constantino prestou o seu solene juramento no dia da aclamação.



Quando o grande grego Venizelos ocupou na politica do seu paiz o logar supremo, o principe foi novamente nomeado generalissimo.

A popularidade perdida, quando da guerra turco-grega, reconquistou-a agora com a sua ação.

Devido á sua tenacidade, as vitorias de Thessalia e do Epiro ilustraram o exercito, que hoje, tendo-o visto no fogo e no

alto comando, o adora. O novo rei fez o seu juramento diante do parlamento, enquanto sua mãe ia para Salonica beijar o cadaver do esposo que, durante tantos anos, apesar dos infortunios, soube dar á Grecia que lhe ofereceu um trono, toda a sua intelligencia e dedicação, como se tivesse nascido n'esse paiz de heroicidades lendarias.



1. A rainha Helena da Grecia, esposa do novo rei, com o trajo da Cruz Vermelha.—(Cliché Churseau Flavien).—2. A rainha Olga, viua de Jorge I.—3. Salonica onde foi assassinado Jorge I.—(Cliché Churseau Flavien).

# Um emocionante desastre no Rio Lima

Um grande desastre impressionou vivamente o país. Foi ele o termo de uma alegre festa de estudantes, o fim d'uma excursão que os alunos do liceu de Bra-



1. Francisco Carneiro, aluno da 7.ª classe, que se salvou a nado—2. Antonio Eugenio Sampaio, aluno da 6.ª classe, um dos naufragos que se salvou a nado  
Clichê do distinto fotógrafo sr. José Afonso & Filho, de Bragança.



3. Francisco Gonçalves Araújo, pescador, que, com Pedro Byaia, salvou os estudantes de Bragança.

gança fizeram a Viana do Castelo.

Os rapazes deliberaram dar um passeio de barco pelo lindo rio Lima e, como soprasse um vento rijo, os professores tentaram opôr-se a esse desejo dos estudantes, tendo, todavia, a maioria seguido com eles para a estância de Santa Luzia. Oito dos alunos do liceu meteram-se n'um barco que se aproximou da foz do rio n'esse dia, em virtude da notada fechada á navegação. Ali perto voou o chapéu a um dos rapazes, outro tentou apanhá-lo com um remo, deixando-o também cair á agua. Era muito violenta a corrente e o arraes, agora só com um remo, não podia impedir que o barco seguisse impellido pela agua revolta. Procurou aproar, mas uma rajada voltou a embarcação, tendo perecido cinco dos estudantes e salvando-se o arraes com outros tres. Outros mari-



5. Alberto Carlos, do Mogadouro, distrito de Bragança, aluno da 5.ª classe, uma das vítimas—6. José Antonio Pires Bragança, aluno da 5.ª classe, uma das vítimas—7. Domingos do Nascimento Rodrigues, aluno da 6.ª classe, outra vítima.(Clichês dos distintos fotógrafo José Afonso & Filho, de Bragança—8. Faul Alfredo da Silva, aluno da 5.ª classe, de 17 anos de idade, a vítima que por vezes veio á tona d'agua em luta desesperada com a morte. Era filho do sr. Manuel Joaquim Pereira da Silva, empreiteiro das obras publicas.



9. Sr. Manuel Miranda, professor do liceu de Bragança, que acompanhou a excursão—10. Sr. Antonio Quintela, professor do liceu de Bragança, que acompanhou a excursão.

neiros o auxiliaram no salvamento dos rapazes, que ficaram desesperados com a morte dos seus companheiros.

Calcula-se a impressão produzida nos



4. Pedro Byaia, um dos pescadores que, com Francisco Gonçalves Araújo, salvou os estudantes de Bragança.

professores e nos restantes alunos quando souberam d'esse acontecimento, que vinha lançar um veu de luto sobre a alegria dos seus folguedos, sobre o entusiasmo com que tinham ido para aquela excursão gosarem as férias.

Em Bragança causou um verdadeiro abalo o desastre, vendose aglomeradas nas imediações da gare grande numero de pessoas quando os estudantes voltaram da infesta excursão.

A alguns dos que morreram, as mães, como se adivinhassem qual devia ser o seu triste fim, tinham recusado a autorisação para esse passeio que tão tragicamente devia terminar e no qual tomaram parte a rogo de pessoas amigas e á força de supplicas, levados assim pela inevitavel fatalidade a tão desastrosa quão horrerosa morte.

## Costumes Portuguezes

A ovarina é uma singular figura do nosso meio trabalhador. E' brava, incansavel, uma verdadeira mourinha de labuta sendo, ao mesmo tempo, quasi sempre encantadora.

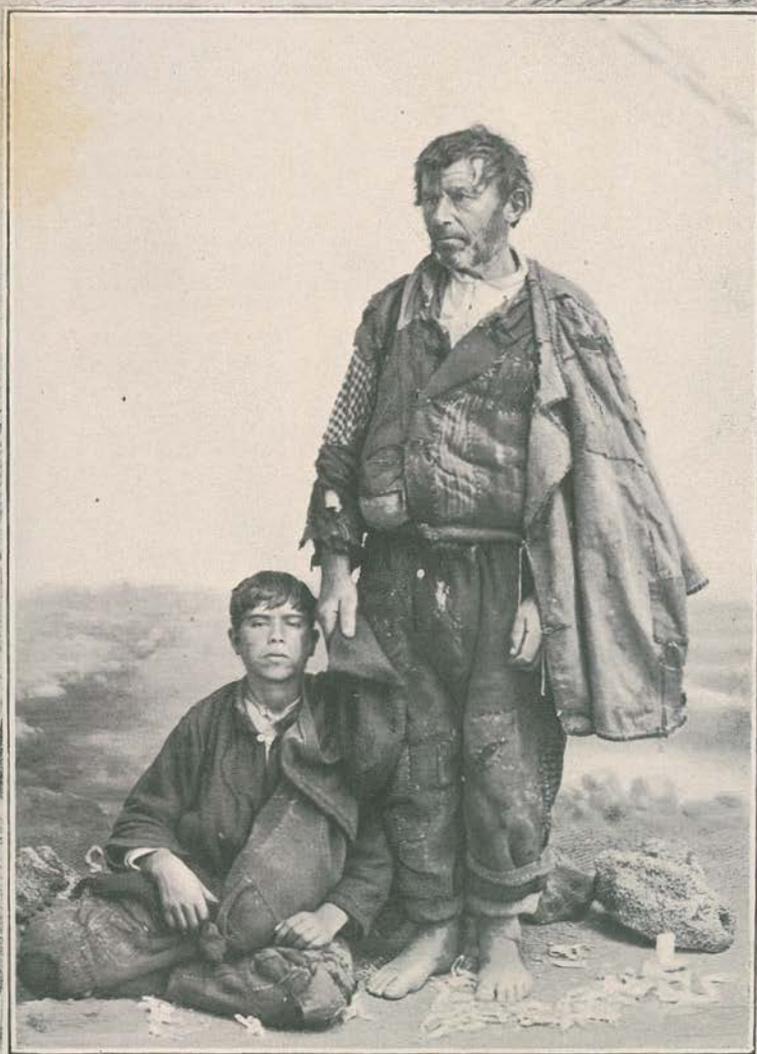
Na galeria dos costumes portuguezes ella não podia deixar de figurar com a sua esbelteza e com o seu delicado perfil.



A varina ao domingo.

E' a varina das mais belas mulheres da nossa terra, onde as ha tão formosas. Tendo o distincto amator fotografico que percorreu todo o paiz arquivando *clichés* de todas as suas regiões e tendo a *Ilustração Portugueza* publicado já alguns dos melhores devia consignar tambem a ovarina





Pescadores minhotos.  
(Clichés do ditinto fotografo amator sr. J. Albino Pereira  
de Carvalho.

que Portugal inteiro conhece e admira sabendo das suas qualidades entre as quaes destaca a do amor pelo trabalho

# O CAVADOR



(Estatua de Costa Mota)

—Aza de genio, em seu voar bendito,  
Tocou a minha inercia, — e desde logo,  
Marmore, estremecei, — fui sonho e foge,  
Subindo em espiraes para o infinito...

E, humanizado e angustiado, rôgo  
N' terra que dê pão, e choro e grito,  
Eterno cavador, e amo e palpito,  
E nuvens e horisontes interrogo...

Cavo a terra! Cavar: abençoar!  
Religião sagrada, resgatar  
Pela força e beleza, pelo amor!

Cavar! E o som da enxada reproduz,  
A palavra de Deus: — «Faça-se a luz!» —  
E a luz é feita, transmutada em flôr...  
1912.

CANDIDO GUERREIRO.



1. O autor da poesia, sr. Candido Guerreiro.
2. O cavador, escultura de Costa Mota sobrinho, destinado ao Passeio da Estrela.

# El favor d'Assistencia aos Tuberculosos



1

tros dos nossos mais insignes artistas, que haviam sido oferecidas pela duqueza de Palmela e pelos esculptores Costa Mota e Moreira Rato.

Tambem foram exibidas rendas de D. Maria Bordalo Pinheiro e trabalhos em es-

1. Paisagem, por Galhardo.



2

Na Assistencia Nacional aos Tuberculosos fez-se o leilão de alguns bellos quadros dos nossos melhores artistas, cujo produto reverteu a favor d'aquela util e benemerita coletividade, que tantos serviços já tem prestado aos desvalidos atingidos pelo terrivel mal.

Entre as obras d'arte viam-se quadros de Columbano, Salgado, Carlos Reis, João Vaz e ou-



3

2. Cabeça de homem, por Salgado.

3. Marinha, quadro de João Vaz.



4

4. Paisagem, por Carlos Reis. (Cliché Benotiel).

malte do sr. Lobo d'Avila.

As obras dos artistas srs. Condeixa, Jorge Colaço, Girão, Santos Junior e F. Amaral não foram postas em leilão por ficarem ornamentando estabelecimentos da Assistencia.

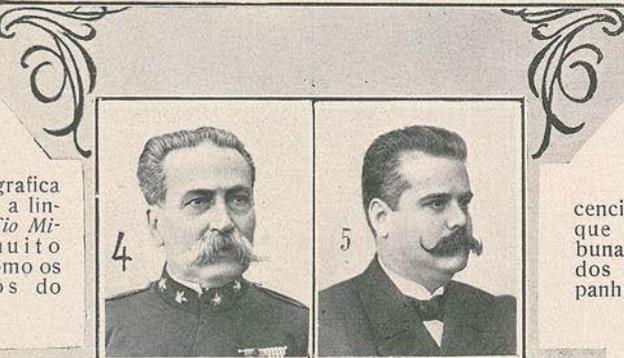


# FIGURAS E FACTOS



No teatro da Republica e com a colaboração de alguns dos nossos mais valiosos elementos artisticos realisou-se a festa dos tipografos, que ha muitos anos não se fazia, mas que tive-  
ra outr'ora um grande brilho.

Recitaram-se poesias alusivas á arte tipografica e representou-se a linda comedia *O Tio Milhões*, que foi muito aplaudida bem como os outros numeros do programa.



O julgamento do chamado *complot* do Algarve acabou pela absolvição dos réus, entre os quaes se encontrava o professor José Buizel, sindicalista.

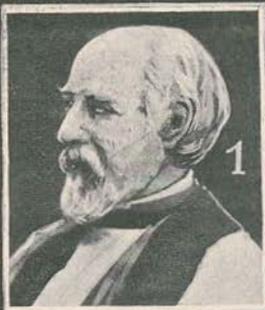
No decorrer da audiência proveu-se a absoluta innocencia dos acusados, que retiraram do tribunal muito vitoriosa pelos seus companheiros, sendo a sentença igualmente bem recebida no Algarve.

Foram advogados de defeza os srs. drs. Antonio Bourbon e Sobral de Campos e o capitão sr. Osorio de Castro.

1. Dr. Azevedo Neves, autor do estudo medico *O caso Lawton*.
2. Sr. Aquilino Ribeiro, autor do livro *Jardim de Tormentas*.
3. Sr. André Brun, autor do livro *Sem pés nem cabeça*.
4. General sr. Simões de Campos, recentemente falecido.
5. O sr. André Vilalobos, proprietario e comerciante, recentemente falecido.
6. O julgamento dos acusados do *complot* do Algarve: Os réus diante do tribunal marcial.
7. A festa dos tipografos realisada no teatro da Republica. 1.º plano: atriz Palmira Bastos, Brito Aranha, ator Augusto Rosa.—2.º plano: ator Chaby Pinheiro, Luiz Derquet, diretor da Imprensa Nacional, atriz Jesulina Saraiva, ator Henrique Alves, atriz Barbara Wolkart, ator Rafael Marques, atriz Luz Veloso, ator Manuel Pina, atriz Emilia d'Oliveira, sr. José M. d'Abreu e Gregorio Fernandes.

(Clichés de Benoliel)

Esteve em Lisboa durante a semana na o dr. Chadwick, illustre e esclarecido bispo de Derry, um dos maiores vultos da Irlanda, a terra ingleza que, talvez pela sua origem celtica,



1

maiores oradores tem dado á Gran-Bertanha. O lord bispo é um dos mais celebres pregadores do seu paiz, uma alta intelligencia e uma nobre figura.



2

1. Sr. Chadwick, lord bispo de Derry, que visitou Portugal.



3

O general André, falecido recentemente, foi um dos mais illustres ministros da guerra de França, tendo feito parte do ministerio Combes, obtendo então a sua celebridade.



4

O novo presidente do conselho de ministros de França é o sr. Barthou antigo ministro do commercio e cujos serviços á sua patria se acen- tuaram no gabinete Briand.



5

2. O general André, ex-ministro da guerra de França, recentemente falecido—3. Barthou, antigo ministro do commercio e: actual presidente do conselho de ministros de França—4. Sr.ª D. Adelia Ferreira Pereira, esposa do sr. Luiz Pereira, recentemente falecida. 5. Alunos e professores do liceu de Braga, que recentemente festejaram o antigo professor d'aquelle estabelecimento, sr. José Alves de Moura. (Cliché do sr. Pinto Vieira).



A festa em casa do sr. João Batista Dotti decorreu com grande animação, sendo iniciada pelo sr. Carlos Cilla, que fez uma conferência sobre a *Edade das Flores*. Senhoras da sociedade elegante representaram a comedia de Pinheiro Chagas *Quem desdenha* e gentilissimas meninas da colonia alemã *Der Henulich Punch* (o *Punch ás escondidas*), que obtiveram um grande successo.



1. A festa d'arte em casa do sr. João Batista Dotti: Os interpretes da comedia alemã. 1, sr.<sup>tes</sup> D. Hedwig von Mack. 2, D. Maria Thume. 3, D. Margarete Elsen, 4, D. Maria Ignez Dotti. 5, D. Maria Luisa Arriaga. 6, D. Maria Luisa Dotti.—2. Na comedia portugueza, os interpretes: 1, sr.<sup>tes</sup> D. Anna Lehmann, 2, D. Madalena Caiado. 3, D. Inez Dotti. 4, sr. Alexandre Mendonça Alves. 5, Sr. Alfredo Simões, 6, sr. Ernesto Bastos.—3. A entrega das credenciaes do principe Sharon, ministro do Sião, ao Presidente da Republica Portugueza.

# A Festa da Arvore

## NOVOS ASPECTOS



A festa da arvore, que resultou brilhantissima, teve a auxilia-a, com toda a boa vontade e dedicadamente, varias entidades officias e particu-ares, cujos retratos publicamos, significando-lhes assim quanto foi apreciado o seu auxilio na obra que o Se-



Alguns dos individuos que gentilmente prestaram o seu concurso á festa da arvore promovida pelo *Seculo Agricola*:—1. O sr. dr. Fernandes Costa, ex-ministro do Fomento.—2. O sr. Antonio Maria da Silva, ministro do Fomento.—3. Sr. dr. João de Barros, director geral da Instrução Primaria.—4. O sr. J. A. Caldeira Rebolo, ex-diretor geral da Instrução Primaria.—5. O sr. Bapista d'Aveiar, inspetor escolar do circulo oriental de Lisboa.—6. O sr. M. Lopes Pimentel, inspetor escolar do circulo occidental de Lisboa.—7. O sr. Joaquim Rasteiro, diretor geral da agricultura.—8. O sr. Joaquim Ferreira Borges, chefe dos serviços florestaes do paiz.

*culo Agricola* empreendeu e com magnifico exito levou a cabo.

Não esquecerão tão depressa no paiz as festas realisadas. As comissões que se formaram por toda a parte certamente estarão prontas, no proximo ano, para retomarem essa tarefa brilhante, essa ação profundamente educativa e moralisadora.

a arvore sobre a qual tantas considerações se fizeram.

Arquivando nas paginas da *Ilustração* á vida portugueza dedicada, os aspétos das festas feitas nos diversos pontos do paiz, manifestamos quanto houve d'util no empreendimento assim realisado em globo e prestamos a nossa homenagem a todos os que, desinteressadamente,



1. Sr. João Pinheiro da Silva, diretor geral interino dos correios e telegraphos.—2. Julio Mario Viana, engenheiro silvicultor chefe da zona florestal do norte.—3. Sr. Scarlatti Quadrio, diretor do serviço da exploração postal do paiz.—4. Sr. Accacio Moraes da Costa, chefe da Repartição das Ambulancias Postaes do paiz.—5. Mr. Fourquenot, diretor geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes.—6. O engenheiro sr. Artur Mendes, diretor dos Caminhos de ferro do Sul e Sueste.—7. Sr. Raul Moreau, secretario da direção geral da Companhia dos Caminhos de Ferro.—8. O sr. Francisco Mendes, chefe de divisão da Administração Geral dos Correios.—9. Sr. João Carlos Marques, democrata sincero, que prestou os mais largos auxilios na organização da festa da Arvore em Lisboa

As proprias creanças, nas escolas, recordarão o que significou a cerimonia a que assistiram e ensinarão aos seus companheiros como se deve amar

compreendendo a grandeza do movimento, auxiliaram com verdadeiro entusiasmo a iniciativa do novo semanario dedicado á agricultura,



1. Os exercicios de ginastica, no largo do coronel Barreto, em Penamacor. O instrutor, sargento Canaca, indicado pelo sinal  $\diamond$  — 2. Aspeto da festa da Arvore em Bobadela (Clichés do sr. F. Borges) — 4. A plantação da arvore em Nogueira do Cravo (Oliveira do Hospital)



1



2

1. Em Turgueda: O cortejo em marcha de Arnadelo para Tuzindes.

Nas pequenas terras da Tugueda e Penela, à beira de Vila Real e de Coimbra, também se realizou com brilho a festa da arvore, sendo muito interessante a cerimonia da plantação e o desfile das creanças.



3

2. O reverendo Afonso Ribeiro Catalão, falando ao povo na varanda da escola de Turgueda. (Clichés do distinto fotografo amator sr. Aurelio Teixeira Martins)—3. Em Penela: Depois da festa da arvore o lunch ás creanças.

# EM TURQUEL E SERPA



sa, inspetor escolar, fadado a favor da propaganda da arvore, feita tão perseverantemente pelo *Século Agrícola*.

Por toda a região alemtejana sucedeu outro tanto, sendo em Moura as festas revestidas de grande brilho, assim como em Portalegre e Elvas, em Redondo, em Evora e em Vera Cruz, etc.

1 e 2, Aspétos da festa da arvore em Turquel. (Clichés enviados pelo assinante do *Século*, sr. Antonio Ribeiro da Silva).

Em Serpa as festas da arvore começaram pela alvorada, em que se queimaram muitos foguetes, fazendo-se depois o cortejo, que foi até ao largo do Carro, onde se plantaram acacias e olaias. Um orfeon infantil entoou hinos, cantou a *Sementeira* e a canção *As arvores*, tendo o sr. Antonio Ro-



3. Em Serpa: O ianche, no Passeio Camacho Pimenta, depois da festa da arvore. (Cliché do sr. Gentil Valadas, enviado pelo correspondente do *Século*, sr. Miguel Salvador Frazão)

# EM ALFARELOS



1. Em Alfarelos: Carro do comercio e das arvores.



A rezão solene no Outeiro. (Clichés da fotografia Europa, de Gonçalves & Monteiro)

# NA GUARDA



Na Guarda, a festa da arvore teve um belo aspecto. Também tomaram parte n'ela os rapazes das novas agremiações de instrução militar com os seus uniformes e empunhando bandeiras nacionais.



1. A festa da Arvore: A escola do sexo feminino da freguesia de S. Vicente—2. A escola do sexo masculino da freguesia da Sé—3. A escola do sexo masculino da freguesia de S. Vicente. (Cliché Aitre)—4. A escola do sexo feminino da freguesia da Sé

# EM PAÇO D'ARCOS



Nos arrabaldes de Lisboa, o entusiasmo com que se fez a plantação das arvores não foi menor que n'outros pontos do paiz. Em Paço d'Arcos as escolas plantaram as suas arvores na presença do diretor do *Seculo Agricola*, sr. Castro Neves e do senador sr. dr. José de Castro, um dos maiores propagandistas do culto da Arvore, sendo entoados hinos e



tendo orado os senadores srs. Silva Barreto e Ladislau Piçarra.

Nos Olivaeas, um prupo de senhoras ofereceu um lanche ás creanças depois da cerimonia, tendo tudo decorrido animadamente e sendo escutadas com a maior atenção as interessantes alocuções que se fizeram ácerca da arvore e do culto que se lhe deve.



1. O sr. dr. José de Castro, um dos grandes entusiastas e devotado amigo da Arvore, e o sr. Castro Neves, diretor do *Seculo Agricola*, que promoveu a festa da Arvore, membros da comissão de Paço d'Arcos e professores, no dia da cerimonia. (Cliché Benolle) — 2. Nos Olivaeas: o sr. Fonseca Lobo falando ás creanças—3. Depois do lanch as creanças, nos Olivaeas: As senhoras que o serviram.

# A festa do Dispensario de Santa Izabel



1. A direção do Dispensario com o sr. dr. Afonso Costa e alguns membros da comissão administrativa da Câmara Municipal: O chefe do Estado entre o sr. dr. Afonso Costa e dr. Correia Dias.

égida da Republica e depois o sr. dr. Afonso Costa declarou dedicar toda a sua atenção á beneficencia e á instrução, desde que esteja equilibrada a situação economica do paiz.

Fez se a seguir a distribuição dos premios, e do bodo, acabando essa bela festa da mais entusiastica maneira por entre vivas e ap'ausos.



2. O sr. dr. Correia Dias, o ilustre clinico e grande espirito liberal, a quem o Dispensario deve os mais relevantes serviços, e as suas auxiliares na consulta do Dispensario.—3. A sessão solene do Dispensario de Santa Izabel no ginasio do liceu Pedro Nunes.—(Clichés de Benoliel)

# Vedetas do Boulevard



No boulevard, deante d'umad' essas colunas onde, em Paris, se afixam os cartazes de teatros, a gente pára. Nos papeis multicolores alguns nomes em letras gordas se destacam. São as atrizes de nome, as beneficiárias da moda, as obreiras do sucesso, as porta-estandartes do reclamo, aquelas que, em calão de bastidores, se chamam — as vedetas. Recolhamos alguns d'esses nomes, uns poucos ao acaso (todos se riam muitos) e mandemol-os ao publico alfacinha, n'esta epoca das amendoas, como um amavel souvenir de Paris.

Madame Jeanne Granier e mademoiselle Eve Levallière são as duas vedetas do *Habit Vert*, o successo inexgotavel e inexgotado do Théâtre des Varietés. Certo lhes não cabe a gloria de co-

laborar n'uma obra prima. Mas ambas dão um realce sobremodo notavel aos papeis que, expressamente para ellas, messieurs Caillavet e de Flers imaginaram. A sua interpretação é a melhor que os autores poderiam ambicionar. A *Duquesa de Maulévrier* de mad.<sup>ma</sup> Granier é irrepreensivel. E se a *Brigitte Touchard* de mademoiselle Levallière o não é tanto aos olhos dos meticolosos a quem uma certa ampliação de grotesco parece de malde a dificultar a compreensão da personagem — é o comtudo, e sem reservas, para o inteiro agrado d'um publico que se diverte com esses exaggeros e não sonha sequer em lh'os levar a mal. *L'Habit vert* é uma agradavel peça, escrita com muito espirito. Interpretada pelas mais espirituosas



1. Mademoiselle Geniat em *L'Epate* (Cliché Tabot)—2. Madame Jeanne Granier (Cliché Felix)—3. Mademoiselle Lender (Cliché Tabot)  
4. Mademoiselle Eve Levallière em *L'Habit Vert* (Cliché Felix)—5. Mademoiselle Sergine (Cliché Felix)—6. Mademoiselle Silvia no *Fausto* (Cliché Walery)—7. Mademoiselle Arlette Dorgere (Cliché Tabot)—8. Mademoiselle Gabrielle Dorsiat.



1. Madame Charlotte Lysés na *Tomada de Berg-op-Zoom*.  
(Cliché Gerscheseel.)

Quer aparecendo em cena n'uma comedia engraçada, *La Part du Feu*, no Athenée, quer conferenciando nas matinées-chás do Marigny, quer dançando o *tango* da moda nas galas do Trocadero, mademoiselle Arlette Dorgère, linda, graciosa, senhora d'uma fantasia do melhor gosto e d'um talento do melhor quilate, continúa mantendo o seu lugar de grande vedeta parisiense.

No Fémina appareceu pela primeira vez após a sua *juga* do Théâtre Français a interessante mademoiselle Marcelle Géniat que, segundo leio nos jornaes de Lisboa, os leitores vão ter em breve occasião de aplaudir no Republica, ao lado do excelente mr. Huguenet.

Paris, março de 1913.

RUI DE GAVES.

comediantes, é facil de comprehender como ella obteve, e obtem ainda, um exito colossal.

Nas *clairseuses*, de mr. Maurice Damay, incontestavelmente uma das peças de maior relevo literario que se tem representado esta epoca nos teatros de Paris, ha numerosos papeis femininos, o que não pôde surpreender, desde que se saiba que é precisamente o problema feminista que na obra se ventila. Esses papeis são sustentados com muito brilho por mesdemoiselles Gabrielle Dorziat e Marcelle Lender, no primeiro plano, e por mesdemoiselles Spinelly, Rarelly, Bartle, etc., em pequenas creações cheias de interesse e pitoresco.

No *Apollo*, mesdemoiselles Polaire e Brigitte Régent asseguram o successo da opereta de mrs. Caillavet e de Fiers, musica de mr. Claudé Terrane, *Mr. de la Patisse*. Mademoiselle Polaire é, todos o sabem, uma comediante de grande merito; mademoiselle Régent, que está no segundo ano da sua carreira, é dona d'uma graça muito pessoal e d'uma linda voz que lhe garantem uma carreira das mais gloriosas.

Mr. Sacha Guitry tem em sua esposa, madame Charlotte Lysés, a sua melhor interprete. Teria mesmo vontade de dizer—a sua melhor colaboradora.

Foi ella já o maior atractivo do *Veilleur de Nuit*; é ainda o seu encanto que enche as cenas, mais ou menos amoraes e mais ou menos expontaneas, d'essa *Tomada de Berg-op-Zoom*, que eu não sei se os lisboetas ai admiraram, mas que opublico de Paris ainda ha dias se não tinha cansado de aplaudir. Mas madame Charlotte Lysés dá-nos uma Paulette Vancaire... que eu supponho, salvos todos os devidos respeitoes, que em Lisboa não tenham chegado bem a traduzir.

Madame Vera Sergine, uma das melhores atrizes de tragedia que hoje representam nos teatros de França, faz-se n'este momento aplaudir

pela notavel interpretação da nova comedia de mr. Alfred Capus, *Helène Ardouin*. Ella soube comprehender com muita intelligencia o carater d'essa obra grave, quasi severa, que nos vem revelar uma nova fase no teatro do autor de *La Veine*.

Na adaptação nova do Fausto que o Odeon representa, mademoiselle Sylvie desempenha o papel de Margarida. E merece todos os elogios a sua feliz compreensão da heroína de Goethe.

Essa vitima de Satanaz é deliciosa de encanto, de ingenuidade e de docura.



2. Mademoiselle Brigitte Régent em *Mr. de la Patisse* — (Cliché Walery?)

# O TEATRO NOS AÇORES



Foi ultimamente posta em cena no teatro d'Angra do Heroísmo uma interessante opereta—*Rosas e Crisantemos*—em um prologo e 3 atos—original do sr. dr. Antonio Lino, abalizado medico, homem moderno, de larga illustração, e, simultaneamente, apaixonado floricultor e distinto amador de musica. A musica e libreto de *Rosas e Crisantemos* são d'uma delicada e singela composição e foram amavel e cuidadosamente desempenhadas por senhoras e cavalheiros da melhor sociedade da ilha Terceira.

Todo o trabalho de orquestração é do sr. João Lo-



2. Sr. dr. Manuel Antonio Lino, autor do libreto e musica da opereta *Rosas e Crisantemos*.—3. Sr. João Loper, chefe da banda regimental, que fez a orquestração da musica da opereta *Rosas e Crisantemos*.

pes, habil e considerado chefe da musica do regimento de infantaria 25.

As tres recitas dadas foram noites de grande entusiasmo e de admiração pelo belo trabalho do sr. dr. Lino, que recebeu as mais inequivocas provas da alta consideração e muita estima que lhe dedicamos todos que d'ele se aproximam.

Todas as fotografias, das quaes uma a magnesium, foram gentilmente cedidas à *Illustração Portuguesa* pelo distinto amador fotografico sr. A. J. Leite, conceituado negociante em Angra do Heroísmo e intimo amigo do sr. dr. Lino.



1. Grupo dos interpretes da opereta *Rosas e Crisantemos*: Ao centro o autor, sr. dr. Manuel Antonio Lino. Da esquerda para a direita: sr. D. Maria Carreira, D. Boa Nova de Carvalho, D. Beatriz Ramos, D. Maria Forjaz, D. Julieta Lopes, D. Amelia Linhares, D. Julia da Costa, D. Berta Silva, D. Celeste Magalhães, D. Adelia Linhares, D. Georgina Forjaz.—4. Cena do 3.º ato da opereta *Rosas e Crisantemos*.

# FIGURAS & FACTOS

A senhora duquesa de Bedford é um dos mais ilustres nomes da aristocracia britânica, dama d'honor da rainha Alexandra e um dos maiores influentes da Sociedade Protetora dos Encarcerados. A sua visita a Portugal teve por fim visitar os presos políticos no Limoeiro, Aljube



1. A duquesa de Bedford, depois de falar ao preso politico D. José de Mascarenhas, quando da tua visita a Penitenciaria. (Cliche de Benofiel)

e Penitenciaria, onde falou com alguns dos detidos e condenados.

No Limoeiro e Penitenciaria falou com os srs. Mimoso Ruiz e D. José de Mascarenhas, já julgados, e no Aljube com a sr.<sup>a</sup> D. Constança Teles da Gama, prodigalizando-lhes conforto e inculcando-lhes coragem.



2. Sr. Alvaro Pereira Bramão.—3. General sr. Manuel Maria Loureiro Banozol.—4. Sr. Bartolomeu Valadaes, recentemente falecidos.—5. Sr. Luiz Antonio da Silva Gonçalves, distinto professor de Ponte de Lima, falecido ha pouco.



6. Grupo de tricanas e estudantes de Coimbra que dançaram danças populares do continente e despertaram grande entusiasmo n'um baile na sociedade *Amor da Patria*, na Horta (Açores): Da esquerda para a direita. 1.<sup>o</sup> plano, sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição dos Santos, sr. Manuel Menezes, sr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Ribeiro. 2.<sup>o</sup> plano: sr. José Pessoa d'Amorim, sr.<sup>a</sup> D. Maria Menezes, sr. Carlos Pamplona, sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza dos Santos, sr. Florencio Terra Junior. 3.<sup>o</sup> plano: sr. Jorge Dart, sr.<sup>a</sup> D. Olga Dart Cunha, sr. dr. Antonio Mesquita, sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Ribeiro, sr. Jorge Lima, sr.<sup>a</sup> D. Maria Berquó.

O sr. ministro da marinha visitou o hospital de marinheiros, tendo percorrido todas as dependências e encontrado tudo nas melhores condições, elogiando a direção d'aquelle estabelecimento, como se sabe, entregue ao official revolucionario e dis-

são solene da Sociedade de Instrução Militar preparatoria com a assistencia de todos os filiados, dos seus instrutores e outras entidades, tendo comparecido tambem os srs. ministros da guerra e da marinha, que falaram da necessidade abso-



tinto clinico sr. dr. Vasconcelos e Sá. Todos os medicos do hospital acompanharam o visitante nas varias salas.

No Coliseu de Lisboa realisou-se a ses-

luta de se cuidar da defeza nacional. O presidente da Republica foi muito ovacionado bem como o sr. dr. Afonso Costa.

Tambem falaram os srs. Ferreira do Amaral e Leote do R. go.



1. A visita do ministro da marinha ao hospital de marinheiros, no 1.º plano o ministro com o sr. Ignacio Simões, sub-diretor do estabelecimento.—2. Os instrutores da Sociedade de Instrução Militar.—3. Um aspecto da sessão solene da Sociedade de Instrução Militar no Coliseu de Lisboa.—(Clichés de Benoliel)



1. Major sr. Sá Cardozo, novo governador civil do Funchal.—2. Gabrielle Renaudot, astronoma adida de Juvisy, filha do modelo do celebre quadro *Salomé*, de Regnault.—3. A sr.<sup>a</sup> D. Maria Pires Marinho, discipula distintissima de madame Mantelli. Fomou part. ao concerto do Centenario de Verdi no salão da «Ilustração Portuguesa» e dedica-se à carreira lirica.—4. O celebre quadro *Salomé* de Henri Regnault, que foi vendido a um americano por 475.000 francos.

Todos sabem que nos fins do segundo Imperio, a galeria Landolfo Carcano continha duas obras de um interesse especial, que era a *Salomé*, de Henri Regnault, e *L'Allée des Chataigniers*, de Théodore Rousseau. A *Salomé* acaba de ser vendida a um americano por 475 mil francos, depois de ter sido o seu preço debatido por grande numero de amadores, desde 185 francos até á soma já indicada.—Não teem conta os elogios feitos a este trabalho e não vem para aqui repetilos. Qualquer pôde admirar na fresca e gentil figura da *Salomé* o talento de Henri Regnault. Não é pois sobre o quadro que falaremos, mas sim de Gabrielle Renaudot, a filha do modelo da *Salomé*, que, como sua mãe, não é uma mulher banal, pois que se destaca no mundo das letras em Paris e conquistou pelo seu talento e trabalho um logar superior na literatura, merecendo varios titulos honrosos e chamando a atenção de notabilidades mundiaes como Flamarion, de quem é discipula ha doze anos.



5. General Luiz Pinto Mesquita de Carvalho, recentemente falecido.

Este sabio aprecia tanto Gabrielle Renaudot, que acaba de nomear astronoma adida ao seu observatorio de Juvisy.

Ha pouco tempo tambem foi admitida por unanimidade como membro da Associação dos Jornalistas Parisienses.

Seu avô era um velho jornalista e seu pae um escultor de nome, que fez varios trabalhos importantes, um d'elles u a *Diana*, que figura no Palais Bourbon, Camara dos Deputados.

Seu avô era um velho jornalista e seu pae um escultor de nome, que fez varios trabalhos importantes, um d'elles u a *Diana*, que figura no Palais Bourbon, Camara dos Deputados.

No salão da Liga Naval realisou-se o concerto em memoria de Schumann, promovida pelo grande pianista Rey Colaço e que atraiu a mais seleta concorrencia, vendo-se ali devotados amadores de musica e admiradores do genial compositor, que aplaudiram os escolhidos trechos delicadamente executados.



6. No concerto de homenagem á memoria de Schumann, promovido pelo eximio pianista, Rey Colaço na séde da Liga Nava: Da esquerda para a direita, srs. Antonio Lamas, Somers Cocks, Mademoiselle Laura Wake Marques, Rey Colaço, Mademoiselle Saint René Taillandier.—(Cliché de Benoliel)



1. Um aspecto do publico durante o desafio de *foot-ball* entre o Club Internacional e o New Cruzader, de Londres.  
2. Um aspecto do desafio nas Larangeiras.



3. Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Encarnação da Luz Maia, mãe do capitão tenente sr. José Carlos da Maia, recentemente falecida.

O fogueiro José Faria assassinou a tiros de revólver o engenheiro do *Loanda*, sr. Antonio José Batista, ao qual imputava o seu despedimento da Empresa Nacional de Navegação.

O funeral da vítima foi uma verdadeira manifestação de saudade e respeito pelas suas qualidades.



4. O engenheiro sr. Antonio José Batista—5. O funeral do engenheiro do *Loanda*, sr. Antonio José Batista, assassinado no caes d'Alcantara por um dos tripulantes d'aquelle barco, despedido por ocasião da grêve. (Clichés Benoliet).